

Covas e consenso no PSDB

■ Tucanos confirmam que escolherão candidato à Presidência depois das eleições

FERNANDA MELAZO

BRASÍLIA – O PSDB já escolheu a data para discutir a sucessão presidencial. Como afirmou o presidente Fernando Henrique Cardoso à coluna *Coisas da Política* do JORNAL DO BRASIL de quinta-feira, o partido escolherá o candidato do governo à sua sucessão depois das eleições municipais. “É o momento ideal. Até meados do ano que vem teremos nosso candidato”, disse o presidente nacional do PSDB, senador Teotônio Vilela Filho (AL).

Teotônio afirmou que a opinião expressa pelo presidente sobre a necessidade de escolher o candidato no próximo ano é “consensual” no partido. E declarou que o governador de São Paulo, Mário Covas,

está “no primeiro lugar da fila”. “Ele é uma unanimidade dentro do partido, mas também temos outros candidatos.”

Liderança – O vice-presidente tucano, deputado Alberto Goldman (SP), também considera Covas candidato “natural”. “Ele é um nome natural pela liderança e aglutinação que exerce dentro do partido”, diz.

À colunista Dora Kramer, o presidente Fernando Henrique citou o nome de Mário Covas. “Se no ano que vem o Mário estiver bem nas pesquisas, não tenham dúvidas de que o PSDB inteiro será covista. E eu serei o quê? Covista, evidentemente.”

O PSDB também concorda com a opinião de Fernando Henrique de que o candidato deve aglu-

tinar o apoio de todos os partidos que hoje sustentam o governo. Mas os tucanos ressaltam que a busca da aliança não é uma obsessão. “A reedição da aliança é o objetivo, mas não pode ser uma obsessão”, afirma o líder do PSDB na Câmara, Aécio Neves (MG). “Vamos escolher o candidato preferencialmente mantendo o eixo da aliança atual”, diz, frisando o termo “preferencialmente”.

Influência – O líder do governo no Congresso, deputado Arthur Virgílio (PSDB-AM), chama a atenção para o fato de que o presidente está disposto a participar da sucessão. “Ele fará questão de participar e influenciará na escolha do candidato.” Virgílio afirma que o partido ficará de olho no sucesso da política econômica. “Preconizo

que o candidato nasça de articulações minuciosas e do êxito da economia”, avalia.

“Se não pudermos decidir o nome, teremos que definir os critérios e as alternativas para a disputa”, argumenta Goldman. Além disso, ele propõe que o PSDB aprofunde a discussão sobre os dois últimos anos de mandato do presidente. “Estamos ligados umbilicalmente ao governo. O sucesso do partido depende do sucesso do governo. Não podemos deixar que os dois últimos anos sejam encarados como final de mandato.”

Goldman quer debater com o partido o início de uma nova fase. “Vamos discutir quais são as mudanças que o país ainda necessita. Que tipo de reforma? É preciso assumir essas reformas.”

São Paulo – Heitor Hui/AE



Covas fala em seminário depois de ter obtido vitória com decisão do Supremo que revogou incentivos dados a empresas pela Bahia